

ESCOLA SESI ANÍSIO TEIXEIRA

Bruno Graia Lima

Discente da escola SESI Anísio Teixeira, Ensino Médio, Vitória da Conquista, Brasil

João Miguel Almeida Santana

Discente da escola SESI Anísio Teixeira, Ensino Médio, Vitória da Conquista, Brasil

“Uma ditadura mal disfarçada”: Repressão no Brasil Pré-estadonovista (1936- 1937) e os ecos de uma cidadania silenciada

VITÓRIA DA CONQUISTA- BA

2025

BRUNO GRAIA LIMA, JOÃO MIGUEL ALMEIDA SANTANA

“Uma ditadura mal disfarçada”: Repressão no Brasil Pré-estadonovista (1936- 1937) e os ecos de uma cidadania silenciada

Relatório de pesquisa apresentado à Escola SESI Anísio Teixeira, situada na Avenida Olívia Flores, 3900 - Chácaras Candeias, Vitória da Conquista/BA, como resultado de investigação de Iniciação Científica Júnior no Grupo de Pesquisa em História do Brasil - UMBU

Orientador: Prof^o Dr. José Pacheco dos Santos Júnior

Orientador: José Pacheco dos Santos Júnior

VITÓRIA DA CONQUISTA
2025

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Escola SESI Bahia, que nos proporcionou uma excelente estrutura de pesquisa, que nos possibilitou executar a pesquisa com todos os materiais necessários e todo o suporte necessário durante esses dois últimos anos.

Agradecemos, de modo especial, ao nosso orientador, Dr. José Pacheco dos Santos Júnior, cuja orientação e dedicação foram essenciais em todas as etapas do projeto. Suas contribuições teóricas, bem como o estímulo constante, foram essenciais para o amadurecimento da presente pesquisa.

Reconhecemos, ainda, a importância da nossa ex-colegas de Iniciação, Cecilia Lacerda, a qual deixamos um agradecimento mais que especial por todas as suas colaborações para a pesquisa, sendo essencial para realizarmos o processo de pesquisa e escrita do projeto, além de todos os conselhos e ajudas pessoais aos envolvidos na pesquisa.

“A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar
como ouro falso; a palavra foi feita para
dizer.” - Graciliano Ra

“Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social” - Graciliano RamoS

RESUMO

O presente projeto tem sua origem numa fase anterior (fase 1) em que buscou-se destrinchar a obra *Memórias do Cárcere* (1953), de Graciliano Ramos, a qual relata os 10 meses em que o autor passou preso à época do governo de Getúlio Vargas, acusado indiretamente de envolvimento com o movimento comunista. Nesta etapa, objetiva-se solucionar o seguinte questionamento: “como utilizar as memórias da repressão política no Brasil pré-Estado Novo (1936 -1937) para desenvolver um material educativo que promova a reflexão crítica sobre cidadania e autoritarismo entre os jovens brasileiros?”. Para isso, foi pensado uma exposição artística que por meio de áudios, trechos da obra, citações históricas e uma simulação do ambiente em que os presos políticos vivenciaram durante o regime varguista. A exposição foi inspirada nos ideais pedagógicos de Paulo Freire, que compreende a educação como um ato político, transformador e dialógico, por este motivo o projeto tem como objetivo provocar no público, especialmente nos estudantes, reflexões críticas sobre os riscos da repressão e da perda de direitos. A escolha da obra de Graciliano Ramos se justifica por sua força documental e testemunhal: o livro oferece um relato vivido dos mecanismos de controle e silenciamento que antecederam o Estado Novo, refutando a visão de que a repressão se iniciou apenas em 1937, com a instituição do Estado Novo. Sua narrativa revela, com linguagem autêntica e intensa carga psicológica, as nuances do sistema sociopolítico vigente, expondo a dureza das condições carcerárias e os impactos da perseguição política. Assim, o projeto busca não apenas preservar a memória histórica, mas também criar conexões críticas com o contexto contemporâneo brasileiro, reforçando a necessidade permanente de vigilância sobre a liberdade e a cidadania. Além disso, o projeto busca dialogar com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, especialmente os **ODS 4** (Educação de Qualidade) e **16** (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), ao oferecer um produto replicável e acessível que fortalece a memória e o pensamento crítico.

Palavras-Chave: Memórias do Cárcere; Era Vargas; Exposição temática.

ABSTRACT

The present project originates from a previous phase (Phase 1), which aimed to delve into the work “Memórias do Cárcere” (1953) by Graciliano Ramos. This book recounts the ten months the author spent imprisoned during the government of Getúlio Vargas, having been indirectly accused of involvement with the communist movement. In this current phase, the objective is to address the following question: “How can memories of political repression in Brazil prior to the Estado Novo (1936–1937) be used to develop educational material that fosters critical reflection on citizenship and authoritarianism among young Brazilians?” To achieve this, an artistic exhibition was conceived, featuring audio recordings, excerpts from the book, historical quotations, and a simulation of the environment experienced by political prisoners during the Vargas regime. The exhibition is inspired by the pedagogical ideals of Paulo Freire, who views education as a political, transformative, and dialogical act. For this reason, the project aims to provoke critical reflections in the audience—especially students—on the dangers of repression and the erosion of rights. The choice of Graciliano Ramos’s work is justified by its documentary and testimonial strength: the book offers a lived account of the mechanisms of control and silencing that preceded the Estado Novo, challenging the notion that repression began only in 1937 with the establishment of the regime. Its narrative, marked by authentic language and intense psychological depth, reveals the nuances of the prevailing sociopolitical system, exposing the harsh conditions of imprisonment and the impacts of political persecution. Thus, the project seeks not only to preserve historical memory but also to create critical connections with Brazil’s contemporary context, reinforcing the ongoing need for vigilance in defense of freedom and citizenship. Furthermore, the project aims to engage with the United Nations Sustainable Development Goals (SDGs), particularly SDG 4 (Quality Education) and SDG 16 (Peace, Justice, and Strong Institutions), by offering a replicable and accessible product that strengthens memory and critical thinking.

Key-Words: Memórias do Cárcere, Vargas Government, Thematic exhibition.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	9
2 - OBJETIVOS E RELEVÂNCIA.....	12
3 - DESENVOLVIMENTO DO PROJETO.....	16
4 - RESULTADOS DO PROJETO.....	27
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1-INTRODUÇÃO

O presente relatório é resultado de um percurso de pesquisa que teve início a partir da obra *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, e que, ao longo do tempo, passou por reformulações teóricas e metodológicas até alcançar sua configuração atual. O projeto surge de fases anteriores nas quais se buscou explorar diferentes lacunas na pesquisa sobre a obra, sendo constantemente adaptado para atender às exigências de distintas feiras científicas no último ano. Essa trajetória de amadurecimento permitiu não apenas uma ampliação do olhar sobre o autor e seu tempo, mas também o reconhecimento da relevância de transformar o conhecimento acadêmico em um instrumento educativo, acessível e crítico.

No Brasil, o período da Era Vargas (1930-1945) é comumente dividido em três fases distintas: Governo Provisório, Governo Constitucional e Estado Novo, este último, sendo amplamente conhecido e estudado nas instituições de ensino como marcado por uma intensa repressão política, na qual a liberdade de expressão era frequentemente suprimida e quem tentava se manifestar contra os ideais varguistas vinha a ser perseguido pelo Governo. No entanto, é preciso romper com essa narrativa. Tendo em vista que pesquisas recentes apontam que repressão não teve início em 1937, com o golpe do Estado Novo, mas já se fazia presente antes mesmo disso, sobretudo com a promulgação da Lei de Segurança Nacional em abril de 1935.

Alvos comuns dessa perseguição eram os artistas que, por meio de suas obras, denunciavam o sistema opressor e mantinham um posicionamento crítico frente à política da época. Um exemplo emblemático é Graciliano Ramos, cuja prisão arbitrária entre 1936 e 1937, sem julgamento formal, foi motivada por suspeitas de ligação com o movimento comunista. Esse período de encarceramento deu origem a obra ‘*Memórias do Cárcere*’, escrita por Graciliano Ramos entre 1946 e 1953, emerge não apenas como um relato pessoal, mas também como um documento histórico de grande valor, que ilumina as interseções entre literatura e política.

Ademais, *Memórias do Cárcere* é constituída como uma obra de suma importância para a literatura nacional, não apenas pelo seu teor literário, mas ao ser destrinchada se revela também como uma fonte histórica para os estudos da Era Vargas, nos mostrando, inclusive, como a repressão e a postura ditatorial de Getúlio começou antes mesmo da Ditadura

Estadonovista, em contraponto ao que é comumente ensinado nas instituições. Ainda nesta conjuntura, o autor, Graciliano Ramos, se caracteriza como uma figura singular e solene, merecedora de destaque para além de suas obras mais conhecidas, como *Vidas Secas* (1938). Administrador da loja da família, presidente da junta escolar e prefeito de Palmeira dos Índios, romancista, realizando funções na Imprensa Oficial e cronista para a Revista Cultura Política, organizada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o Velho Graça foi muito mais do que apenas um escritor, mas também um exemplo de pessoa extremamente humana e sensível, honesta e indulgente, desempenhando um papel importante para a história.

Desta maneira, a presente pesquisa agora reformulada e com sua segunda fase concluída, nasceu do mesmo objetivo de explorar uma lacuna existente nos estudos a respeito da obra, mas com um novo propósito de transformar esse conhecimento histórico-literário em uma ferramenta de educação crítica e de formação de alunos intelectualmente engajados no assunto. Buscou-se entender o papel da literatura na época como forma de contestação e como Graciliano, com sua aguçada percepção social e compromisso com a verdade, utiliza sua narrativa para criticar o regime desse período e, ao mesmo tempo, relatar a angústia, tortura psicológica e física sofridas nos cárceres. Para isso, foi proposto o desenvolvimento de uma exposição interativa e sensorial, que funcione como produto da pesquisa e como ponte entre o passado autoritário e os desafios contemporâneos da democracia.

A exposição utiliza trechos da obra, materiais históricos, recursos digitais e experiências sensoriais para provocar nos visitantes, especialmente estudantes, reflexões sobre repressão, liberdade, resistência e os limites da cidadania brasileira ao longo da história. A proposta ainda busca dialogar com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, especialmente os ODS 4 (Educação de Qualidade) e 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), ao oferecer um produto replicável e acessível que fortalece a memória e o pensamento crítico nas escolas.

Entende-se que a utilização da literatura como fonte histórica percorreu um longo processo para ser aceita, passando por uma problematização até os dias atuais, porém, essa concepção foi ‘alterada’ a partir do início do século XX com os ideais revolucionários de Marc Bloch e Lucien Febvre, que visavam uma ampliação das fontes manuseadas em pesquisas de História. Por meio desta pesquisa, visa-se reforçar que é possível o uso de documentos literários para a investigação e questionamento das ações humanas, através da análise da obra e do estudo

de teóricos que ilustram os conceitos de literatura de testemunho e memórias. Desse modo, o contexto sociopolítico, à época da prisão de Graciliano, como também a grandeza e impacto de seus relatos, compõem o escopo deste projeto.

2- OBJETIVOS E RELEVÂNCIA

2.1-

Objetivo

2.1.1 Objetivo geral

Investigar a repressão política no Brasil durante o período de 1936-37, com foco nas estratégias de resistência dos presos políticos. A partir dessa pesquisa histórica, será desenvolvido um produto educativo que traga a memória, os direitos humanos e o pensamento crítico para as salas de aula.

2.1.2 Objetivos específicos

- Analisar o contexto histórico da repressão política no Brasil, especialmente no período que antecede o Estado Novo;
- Analisar como a literatura de testemunho pode ser ferramenta de consciência histórica e social;
- Estimular o pensamento crítico e o engajamento estudantil com a História Política do Brasil;
- Desenvolver um material didático experimental, como uma oficina interativa ou digital, voltado para a educação básica.

2.2-Relevância

A presente pesquisa nasce do amadurecimento de um percurso que buscou compreender, sob múltiplas perspectivas, a relação entre literatura, política e memória na Era Vargas. Desde suas primeiras versões, o projeto teve como centro a análise da obra Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos, mas sua relevância foi ampliada à medida que o grupo compreendeu que estudar o passado não é apenas um exercício acadêmico, e sim um ato

político e formativo. Nesse sentido, o trabalho não se limita à investigação da obra em si, mas propõe transformar o conhecimento produzido em uma experiência educativa que promova reflexão crítica, empatia e consciência histórica.

Como uma das figuras mais expressivas da literatura nacional do século XX, os manuscritos de Graciliano Ramos se colocam lado a lado com os de autores como Machado de Assis, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e José de Alencar. No entanto, o “Velho Graça” carrega uma singularidade marcante: sua aguçada sensibilidade social, seu olhar profundamente humano sobre as contradições do Brasil. Sendo um romancista de notável e aguçada percepção social, a perspicácia de Graciliano é percebida facilmente ao ler e analisar qualquer um de seus escritos, assim como sua forma singular de retratar a realidade com astúcia e verdades brutais.

Dentre a vastidão de manuscritos graciliânicos, ‘Memórias do Cárcere’ se caracteriza com maior notoriedade por sua relação direta com o contexto histórico e social da Era Vargas. Por expor de uma forma verossimilhante um período muitas vezes descrito como antecessor ao governo ditatorial de Vargas, a obra desmascara a falácia que é ensinada recorrentemente: que a repressão política no governo Vargas só passou a ser executada a partir de 1937, com a instituição do Estado Novo. Seguindo nesse contexto, é evidente que os 15 anos do primeiro governo de Getúlio Vargas ainda se constituem como fases complexas para a historiografia brasileira e, apesar das inúmeras pesquisas já realizadas sobre a sociedade, cultura e política da época, há diversas possibilidades de indagações para pesquisas que complementem os estudos dos vários aspectos existentes, assim como a utilização de obras de escritores da época para entender mais sobre este período tão complexo.

‘Memórias do Cárcere’ assume um papel fundamental para a compreensão do contexto sociopolítico em um período pré-estadonovista. Entende-se que a relação entre Literatura e História ao longo dos anos foi conflitante, especialmente a partir do século XIX com o estabelecimento de História como ciência determinada por critérios de uma “escrita objetiva, desvinculada da narrativa sem método e despreocupada com análise”; por outro lado intelectuais como Marc Bloch e Lucien Febvre, no início do século XX, que deram início ao movimento dos Annales, revelaram um contraponto aos critérios até então utilizados, visando desta forma uma ampliação dos textos considerados como fontes históricas, sendo esclarecida

na afirmação de Febvre em seu livro *Combates pela História* (1953) :

Os textos sem dúvida: mas todos os textos. E não só os documentos de arquivos em cujo favor se cria um privilégio [...] o privilégio de daí tirar, [...] um nome, um lugar, uma data [...]. Mas, também um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência ...

Vinculado a essa ideia, Pedro de Castro apresenta o conceito de intelectual engajado, o qual assume uma causa coletiva, ou seja, representa não somente o seu ponto de vista individual, mas sim como uma representação pública. Nesse sentido, Graciliano Ramos, como um intelectual engajado, traz em sua escrita do livro ‘Memórias do Cárcere’ suas impressões pessoais e de outros grupos em relação aos acontecimentos da época. Dessa forma, a obra explicita como o Governo Vargas atuou na repressão de ideias e manifestações contrárias às suas políticas e a importância da Literatura para o estudo dos conceitos e visões do período analisado.

Um dos pontos em que houve mais críticas à literatura como fonte histórica foi o uso da literatura de ficção, que se distanciaria gradativamente do real à medida que novos elementos ficcionais fossem introduzidos. Entretanto, Memórias do Cárcere não se enquadra em literatura ficcional, pelo contrário, Graciliano se compromete a relatar verdadeiramente o que vivenciou, não como um jornalista ou historiador, mas como uma testemunha, e, é nesse aspecto em que se encaixa a obra: como literatura de testemunho. Esse conceito foi originado no contexto de pós-Segunda Guerra Mundial, no qual as vítimas dos horrores causados pelo nazismo narravam como sobreviveram e o que precisaram enfrentar. Caracterizado como uma “face da literatura” e não como um gênero de fato, o testemunho é de suma importância para a contestação da história contada, principalmente pelos “vencedores”. Como é uma narrativa majoritariamente de uma parcela da população que foi vítima de algo, que sofreu algum tipo de censura, é uma fonte imprescindível para que sejam descobertas facetas dos governos opressores, de modo a recontar o passado.

A presente pesquisa, ao retomar essas questões, pretendeu ir além de uma simples análise acadêmica e teórica dos textos. Seu diferencial reside na proposta de transformar o conhecimento construído em uma experiência educativa, sensível e acessível, por meio da criação de uma exposição interativa, que funcione como um espaço de memória ativa. Inspirada

na pedagogia de Paulo Freire (1987), que compreende a educação como um ato político, transformador e dialógico. Por isso a exposição tem como objetivo provocar no público, especialmente nos estudantes, reflexões críticas sobre os riscos da repressão e da perda de direitos.

ivemos, no Brasil contemporâneo, tempos em que os debates sobre censura, repressão policial, cerceamento da liberdade de expressão e ataques às instituições democráticas voltam a ocupar lugar central no discurso público. Discutir o autoritarismo da Era Vargas, portanto, é também discutir os mecanismos de opressão que, sob novas formas, ainda ameaçam a democracia brasileira. A pesquisa, nesse sentido, se insere nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, na qual pode-se destacar os ODS 4 (Educação de Qualidade) e a ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes), ao oferecer um produto replicável e acessível que fortalece a memória e o pensamento crítico. não apenas como um exercício, mas como contribuição à formação cidadã.

Dessa forma, ao propor o estudo da repressão política por meio de uma obra literária e sua posterior transformação em um produto educativo, esta investigação reafirma o compromisso da História com a pluralidade das vozes, com a escuta das memórias silenciadas e com a democratização do saber. Mais do que compreender o passado, ela pretende oferecer instrumentos para transformá-lo em aprendizado vivo e mobilizador.

Em suma, o projeto se faz relevante pelo seu valor histórico na exploração do período estudado (Era Vargas), além da sua contribuição no ramo do ensino de história, apresentando uma possibilidade de implementar uma exposição com o objetivo de aproximar os estudantes do contexto histórico e assim possibilitar uma aprendizagem baseada na vivência das mesmas experiências dos perseguidos políticos à época.

3- DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

3.1- Revisão bibliográfica

Na década de 1930, o mundo ainda sofria os impactos da crise econômica de 1929 e o Brasil não foi exceção. O país foi fortemente afetado especialmente no que tange as exportações de café, que se caracterizavam como a base econômica brasileira na época. As importações desse produto pelos Estados Unidos, maior comprador na época, caíram drasticamente com a quebra da Bolsa de Valores e isso ocasionou uma superprodução brasileira, para a qual não havia demanda. Ao mesmo tempo, a aliança política entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, conhecida como “República do Café com Leite”, passava por um período de instabilidade política, no qual a oligarquia de São Paulo deveria passar a presidência para um candidato mineiro. Washington Luís indicou Júlio Prestes, que venceu as eleições, o que causou revoltas na população e fez a Aliança Liberal alegar fraude. Outro evento que foi marcante nesse processo foi o assassinato de João Pessoa, candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas. Essa sequência de fatos abriu margens para a Revolução de 1930, movimento que marcou o fim da Primeira República brasileira e alçou Getúlio Vargas ao poder.

Ao assumir a presidência, Getúlio iniciou a primeira fase de seu governo chamada “Governo Provisório”, que foi uma tentativa de transição das velhas práticas políticas, como o modelo oligárquico do café e do coronelismo. Uma das primeiras medidas para solucionar a crise econômica foi a compra e queima de toneladas de café, para que o preço não fosse tão desvalorizado nas exportações. Outra medida imprescindível foi o incentivo à produção de outras mercadorias, o que alavancou o processo de industrialização e urbanização aceleradas. Essa movimentação ocasionou um crescimento no número de indústrias e de trabalhadores urbanos, em contrapartida, este aumento das classes operárias intensificou greves e movimentos trabalhistas que lutavam por melhores condições de trabalho e da vida na cidade. Essa pressão gerou uma série de reformas que mudaram toda a conjuntura trabalhista da época, por meio da promulgação da Constituição de 1934.

Antes da terceira fase da Era Vargas começar, foi sancionada a Lei de Segurança Nacional em 1935, que permitia o Estado brasileiro prender e julgar quaisquer indivíduos que fossem considerados um perigo para a segurança do Estado. Essa medida foi decisiva para a prisão de diversos intelectuais e artistas que protestavam contra o sistema da época. Antes mesmo do golpe que iniciou a última fase da Era Vargas, Getúlio já tinha em suas mãos as rédeas de qualquer indivíduo que se mostrasse contrário aos seus ideais e das representações midiáticas de seu governo, utilizando da sua imagem de “pai dos pobres” para mascarar e camuflar sua postura ditatorial. Se diferenciando da massa populacional que era enganada pela ardilosa persuasão do Governo, olhares sagazes capturavam as nuances do “Governo populista” que aconteciam por trás da cortina ilusória que segregava as duas faces da presidência – eram esses os artistas que, com a liberdade já limitada, criticavam de forma autêntica as facetas nocivas e imposições engolidas do sistema em que viviam, utilizando de suas obras como as asas que permitem que os pássaros se locomovam, essas que o regime buscava amputar.

Já em 1937 ocorreu o boato do “Plano Cohen”, um suposto plano dos comunistas de tomar o poder. Atualmente, é conhecido pelos historiadores que o tal plano foi forjado pelos militares para intensificar o temor da população por esta corrente ideológica e abrir portas para Vargas decretar estado de sítio e efetivar um golpe de Estado. Com o início da Ditadura do Estado Novo, período marcado pelo autoritarismo do então presidente Getúlio Vargas, a outorga da Constituição de 1937, conhecida como Polaca, se constituiu como uma medida decisiva para indicar os rumos que o país tomaria.

Dentre as principais características constantes nos 187 artigos da Constituição de 1937 estão a centralização do Poder Executivo, Legislativo e Judiciário na pessoa do Presidente, a separação era apenas formal; o trabalhador não poderia fazer greve; os direitos e garantias individuais foram limitados. Foi reintroduzida a pena de morte, a censura e a propaganda favorável ao governo produzida pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), além de liberdade ilimitada à polícia especial, que se encarregou, constitucionalmente, de prender, torturar e até matar os desafetos do ditador Vargas. (Constituição Libertadora, s.d.)

Ao lado disso, o fechamento do Congresso, a diminuição da influência dos Poderes Legislativo e Executivo e a posição de ilegalidade dada aos partidos políticos fez com que o poder fosse centralizado nas mãos únicas da figura do presidente.

Originando-se no contexto sociopolítico pós-Segunda Guerra Mundial, a literatura de testemunho é um conceito relativamente novo para a História Literária. Esta face da literatura, ainda não considerada gênero, surgiu das narrativas das vítimas do Holocausto, genocídio que aconteceu com o povo judeu nos regimes nazistas europeus entre 1939 e 1945. Dentre as milhões de pessoas que passaram por uma intensa repressão, sofrimento e desumanidade, algumas delas encontravam um certo refúgio na escrita, ou a viam como única forma de externalizar a angústia e o tormento que as cercaram. O século XX, período de intensa desestabilidade política ao redor do mundo, foi construído por diversas atrocidades envolvendo genocídios, perseguições e governos autoritários, não somente a Segunda Guerra Mundial, e esse se constituiu como um cenário propício para a origem dos relatos das vítimas de tais atos desumanos.

Alfredo Bosi, historiador e crítico da literatura brasileira, traz à tona o estudo desses relatos como “nem ficção, nem pura historiografia; testemunho” (Bosi, 1995, p. 309). A discussão em torno do termo, quando este passou a ser abordado, teve e tem várias questões entrelaçadas: a memória e subjetividade da testemunha, a relevância para a historiografia e o gênero ficcional ou realista. Conceitualmente, a literatura de testemunho é constituída como um relato autobiográfico e subjetivo das experiências traumáticas e da dor que o narrador passou em algum período (Ramos, 2024, p. 45).

Com exposição verídica e brutal, ‘Memórias do Cárcere’, de Graciliano Ramos, está diretamente ligada à esta divisão literária, uma vez que o narrador, também testemunha, relata o que vivenciou nos cárceres em que passou, reunindo suas memórias num livro, em um ato digno de reverência contra a censura e a história que foi disseminada na mídia durante a Era Vargas. “O testemunho quer-se idôneo, quer-se verídico, pois aspira a certo grau de objetividade. Como tal, casa memória individual com história” (Bosi, 1995, p. 309). Como descrito por Bosi, todos esses elementos testemunhais se fazem presentes na narrativa graciliânica, a caracterizando como pertencente à literatura de testemunho e, considerando sua riqueza tanto já presente em outras obras do autor quanto às suas próprias particularidades, é e deve ser vista como uma obra de referência e excelência que atinge essa complexidade textual presente nessa literatura.

As Memórias do Cárcere dão o paradigma dessa complexidade textual. Ao percorrê-las, somos levados tanto a reconstituir a fisionomia e os gestos de alguns companheiros de prisão de Graciliano, quanto a contemplar a

metamorfose dessa matéria em uma prosa una e única - a palavra do narrador (Bosi, 1995, p. 310).

Graciliano possui uma escrita singular e repleta de elementos críticos que inovam as ideias de realismo na literatura brasileira, se afastando da escrita realista de importantes escritores da época. Como descreve Bosi:

Não há quem ignore o seu trabalho árduo de linguagem sempre à procura do termo justo, da frase seca e sóbria, da perfeita concisão. Um realismo vigiado, portanto, sem generalizações levianas de foco onisciente, distinto do naturalismo de Eça e de Aluísio, com os quais guardaria, porém, algum raro ponto de contato. E expressão de modernidade, também, embora de costas para os vanguardismos de 22 (Bosi, 1995, p. 313).

Recolhendo características do realismo nascido na segunda metade do século XIX, do modernismo do século XX e desenvolvendo suas particularidades, Graciliano reúne seus relatos em uma narrativa densa, com a sua forma única de descrição poética e, ao mesmo tempo, verdadeiramente coerente com o real. Uma distinção imprescindível de ser realizada em obras testemunhais é a que diferencia a testemunha e o narrador. A primeira é a persona que vivencia as experiências, o sofrimento e os traumas e a segunda é a que decide de que forma vai relatar, o que pode ser influenciado por diversos fatores, uma vez que, majoritariamente, estas pessoas estão ou estiveram submetidas à censura e repressão de regimes autoritários. Analisando *Memórias do Cárcere*, Alfredo Bosi diferencia as duas figuras exemplificando com trechos da obra que deixam transparecer um certo preconceito da testemunha, mas que o narrador indaga se é de fato ele que possui ou se a sociedade impôs visões sobre o que era certo ou errado.

Aliás, sempre que o narrador sonda o processo interno de um comportamento, o preconceito perde o solo aparentemente sólido onde se fincava. E a hora da dúvida. O espírito indaga em vez de rejeitar ou condenar. Essa mudança na ótica da testemunha ocorre mais de uma vez (Bosi, 1995, p. 318).

Essa diferenciação entre a testemunha e o narrador se entrelaça com os aspectos memorialísticos desse tipo literário, o que leva por diversas vezes o leitor ao questionamento: o que foi lido aconteceu fiel e genuinamente ou há falhas? A resposta prévia é que há, sim, falhas, sejam elas cronológicas, descritivas ou até mesmo saltos imprecisos do autor entre os acontecimentos. Entretanto, essas falhas não são equiparadas à importância histórica da literatura de testemunho, uma vez que também há uma interdependência entre muitos fatores, como o tempo entre o vivido e a escrita e o objetivo do autor. No caso das *Memórias do Cárcere*,

Graciliano não tinha a intenção de relatar o passado como um historiador ou jornalista e ele não hesita em deixar isso nítido logo no início da leitura, sendo fiel à suas falhas de percepção ou memória.

Realmente há entre os meus companheiros sujeitos de mérito, capazes de fazer sobre os sucessos a que vou referir-me obras valiosas. Mas são especialistas, eruditos, inteligências confinadas à escrupulosa análise do pormenor, olhos afeitos a investigações em profundidade. [...] Não me agarram métodos, nada me força a exames vagarosos. Por outro lado, não me obrigo a reduzir um panorama, sujeitá-lo a dimensões regulares, atender ao paginador e ao horário do passageiro do bonde. Posso andar para a direita e para a esquerda como um vagabundo, deter-me em longas paradas, saltar passagens desprovidas de interesse, passear, correr, voltar a lugares conhecidos. Omitirei acontecimentos essenciais ou mencioná-los-ei de relance, como se os enxergasse pelos vidros pequenos de um binóculo; ampliarei insignificâncias, repeti-las-ei até cansar, se isto me parecer conveniente (Ramos, 1953, p. 35-36).

Ao se ler o manuscrito são claras as passagens em que Graciliano fala abertamente que não se lembra certamente de algumas pessoas ou lugares passados 10 anos do ocorrido, mas o objetivo dele nunca foi relatar com absoluta veracidade e transparência, o que, em um cenário utópico, perderia o teor literário e poético da obra. Alfredo Bosi descreve essa separação como

O que importava ao memorialista, passados dez anos dos acontecimentos, era construir uma versão que não pretendesse erigir-se em interpretação consensual e universal (meta da História científicista); mas que fosse tão-só aquela versão aderente às suas lembranças insubstituíveis do vivido (Bosi, 1995, p. 320).

Além disso, um dos panoramas em que se encaixa a crítica memorialística às Memórias, está a memória seletiva e/ou precária. Como afirma Alfredo Bosi, na obra *A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere*, de 1995, página 316, “Nas Memórias o recorte do pormenor supõe a confissão honesta de que a totalização seria um ideal muito difícil de alcançar e talvez incompatível com os limites da testemunha”. Os limites humanos devem ser considerados em todas as investigações de testemunhos literários, uma vez que até mesmo o próprio trauma pode se configurar como um fator para que a vítima gradativamente se esqueça do vivido.

Ao se tratar da obra ‘Memórias do Cárcere’, torna-se extremamente importante analisar a posição do autor em suas palavras. Para Jacob Gorender, Graciliano Ramos é realista ao relatar suas experiências vividas no período de prisão, retratando a crueldade presente no tratamento dos presidiários, que para Gorender é possível devido à:

A sensibilidade psicológica e estética do autor de Memórias não é parcial, mas multilateral, ônimoda. Aplica-se por igual aos adversários, aos inimigos, àqueles que o prenderam e o vigiam. Sem omitir detalhes chocantes de tratamento cruel, o memorialista evita o maniqueísmo e a cegueira rancorosa. (Gorender, 1995, p.328)

Para a compreensão da história, antes é necessário a memória. Para o historiador francês Pierre Nora, os conceitos de memória e história estão relacionados à manipulação e reconstrução do passado, como citado no trecho:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais (Nora, 1993, p.9).

A sociedade sempre buscou se entender historicamente, seja em suas relações sociais, culturais ou econômicas. Contudo, a memória se perde cada vez mais devido a constante evolução da humanidade, atribuindo ao historiador o papel central no resgate do passado. Nesse sentido, Graciliano Ramos, em sua obra ‘Memórias do Cárcere’, atua como memorialista de suas próprias experiências e acontecimentos da Era Vargas. Pierre Nora reforça a relação entre a memória e a importância do historiador:

“[...] nossa sociedade, certamente arrancada de sua memória pela amplitude de suas mudanças, mas ainda mais obcecada por se compreender historicamente, está condenada a fazer do historiador um personagem cada vez mais central, porque nele se opera aquilo de que ela gostaria, mas não pode dispensar: o historiador é aquele que impede a história de ser somente história.” (Nora, 1993, p.21)

Além de Graciliano Ramos, famoso pelas suas obras ‘Vidas Secas’ (1938) e ‘Memórias do Cárcere’ (1953), o Brasil teve outros grandes nomes na literatura entre os anos de 1930 e 1953 que retratavam os problemas sociais, a seca e a fome. Um dos principais escritores da época foram Jorge Amado, um dos intelectuais comunistas mais representativos desse período, escritor de ‘Capitães da Areia’ (1937), e que, assim como Graciliano, foi preso em 1936 por causa da Intentona Comunista. Pedro de Castro destacou os grandes escritores da época:

Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego representam uma geração de escritores nordestinos que valoriza o regional, cujos textos valorizam o homem do interior, o sertanejo, os problemas sociais, a seca, a fome, a religiosidade, privilegiando, na maioria das vezes, os tipos populares. (De Castro, 2012, p.18-19)

Os verdadeiros motivos para as diversas prisões ocorridas no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) ainda são alvos de debates entre os historiadores. Uma das justificativas seria o conceito de ‘cultura partidária’, em que os valores, sentimentos e tradições influenciam nas ações políticas. A interpretação de Pedro de Castro a respeito da cultura de partido polemiza a sua aplicação na política:

“Esta “cultura” teria a função de organizar as intervenções político-culturais do partido e estaria vinculada, por um lado, a uma “tradição” cultural que seria reivindicada, assumida e posteriormente incorporada pelos novos militantes, mas, por outro lado, também estaria ligada a um conjunto de critérios político-culturais e estéticos de valoração e seleção dos materiais culturais e artísticos presentes no cotidiano da sociedade e que, quando julgados pertinentes pelo PCB, seriam estimulados e desenvolvidos em suas políticas e ações culturais.”(de Castro, 2012, p.17)

Para realizar a pesquisa foram estudados alguns ramos historiográficos no qual pode-se inserir o projeto, sendo lidos a fundo, estas análises foram fundamentais na análise bibliográfica da obra e da documentação selecionada estes ramos historiográficos são: **História Política** que foi selecionada por ser uma área que se concentra na análise das instituições políticas; no contexto do estudo ajudará a entender como o governo de Getúlio Vargas, com suas políticas repressivas, impactou a vida de Graciliano Ramos e outros intelectuais da época. Através deste método, será possível contextualizar as críticas políticas de Graciliano Ramos dentro do cenário mais amplo da política brasileira durante a Era Vargas. Para isso, este estudo estará amparado nas contribuições epistemológicas de René Remond (1988) em *Por uma História Política*.

Já a abordagem de **História e Memória**, fundamentada em Michael Pollak (1989), foi revisada visando relacionar as memórias oficiais (aquelas que são aceitas e divulgadas por autoridades) com a memória coletiva e individual expressa por Graciliano Ramos por meio do livro. Com a utilização deste método tornou-se possível analisar demonstrar como as memórias pessoais podem contribuir para um entendimento histórico a respeito da Era Vargas, permitindo assim uma visão ampla da história, fugindo da simples utilização do que é ensinado nas instituições de ensino e valorizando narrativas de testemunho como a do Velho Graça; as tornando fontes válidas para que o conhecimento seja adquirido, mostrando ainda como a utilização da literatura de testemunho pode transmitir informações.

Michael Pollak , em sua obra ‘Memória, Esquecimento, Silêncio’ (1989) apresenta a necessidade da utilização das memórias coletivas como uma fonte de entender a “verdadeira”

história surgindo como uma “necessidade, para os dirigentes, de associar uma profunda mudança política a uma revisão (auto)crítica do passado”, quebrando o paradigma ensinado por meios das instituições de ensino de uma memória oficial. Pollak reforça a necessidade da exposição das memórias subterrâneas (aquelas que ficam guardadas no subconsciente) associando ao contexto dos judeus na Alemanha, que, por medo das consequências, acabavam guardando seus relatos e histórias; estas que seriam de suma importância para denunciar o governo. Trazendo ao contexto da pesquisa, ao expor suas memórias, Graciliano Ramos atuou como uma testemunha para denunciar o regime opressor que por muitas vezes acaba por ser ‘escondido’ pela história que é divulgada, o autor se apropriou das suas escritas para isso, mostrando como a literatura atua como uma “arma”. Para se abordar a temática da literatura será utilizado o método da **História Literária**, que se baseia em uma análise da literatura dentro do seu contexto histórico e social, em outras palavras, está relacionada com a investigação da forma em que obras literárias influenciam e são influenciadas com as condições sociais, políticas e culturais de seu tempo. No caso de Memórias do Cárcere, a História Literária permite analisar de que forma Graciliano Ramos utilizou literatura para expressar suas críticas políticas e sociais, e como sua obra se insere e dialoga com a literatura brasileira e mundial da época. Para tal, foi utilizada ‘A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere’, de Alfredo Bosi (1995).

A **História Cultural**, segundo Peter Burke (2005), “é a área na qual dedica-se as diferenças, conflitos e debates das tradições compartilhadas em culturas inteiras”. A subárea foi escolhida a fim de serem analisados os aspectos culturais em que se encontra Memórias do Cárcere, que, tal qual as outras obras de Graciliano, traz riqueza imensurável para a literatura brasileira vinculada à política e sociedade na Era Vargas.

Além disso, para a construção da ideia de elaborar-se uma exposição artística buscou-se fundamentar na reflexão de Paulo Freire acerca da educação como prática de liberdade oferece um suporte essencial para este projeto. Para o autor, ensinar vai além da transmissão de conteúdos: significa possibilitar que o indivíduo se reconheça como sujeito histórico capaz de transformar a realidade por meio da consciência crítica. Nesse sentido, a proposta desta pesquisa, ao propor uma exposição interativa e dialógica, inspira-se no pensamento freireano ao compreender que o espaço educativo deve estimular o questionamento, a problematização e a leitura crítica do mundo. Assim como em **Pedagogia do Oprimido (1987)**, onde Freire

denuncia a pedagogia bancária e defende a construção coletiva do conhecimento, busca-se aqui criar um ambiente no qual a memória da repressão política no Brasil pré-Estado Novo não seja apenas um dado histórico, mas um elemento de conscientização cidadã.

3.2-

Metodologia

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, com ênfase em análise documental, adequada para estudos que buscam entender fenômenos complexos e subjetivos, como as opiniões e críticas políticas presentes na literatura; e exploratória, apropriada para temas pouco investigados, fornecendo uma compreensão aprofundada do objeto de estudo, e se inscreve no campo das ciências humanas, particularmente na interface entre História, Literatura e Educação.

A base da construção metodológica baseou-se em quatro vertentes historiográficas que se complementam e enriqueceram a análise. A **História Política** forneceu alguns instrumentos para examinar a repressão, a centralização de poder e os mecanismos de silenciamento adotados pelo governo Vargas. A **História Cultural** permitiu uma melhor compreensão frente aos significados simbólicos atribuídos por Graciliano Ramos às experiências do cárcere, ressaltando como a linguagem literária funciona como espaço de resistência e produção de sentido.

A perspectiva da **História e Memória** possibilitou problematizar as formas de registro, preservação e apagamento das lembranças traumáticas, conectando o testemunho do autor às dinâmicas sociais de esquecimento e lembrança. Por fim, a utilização da **História Literária** serviu para a interpretação da obra como produto estético-discursivo, mas também como documento histórico capaz de espelhar, criticar e reinterpretar o tempo em que foi produzida. Essa confluência metodológica assegurou uma visão mais ampla e densa do objeto de estudo, situando-o na tensão entre narrativa literária e documento histórico.

Para que a realização deste projeto se tornasse possível, inicialmente foi-se dividido em 3 etapas distintas: realização do levantamento bibliográfico, análise de dados referente aos resultados obtidos na primeira fase do projeto, preparo e realização da exposição temática. Essa

divisão permitiu chegar a resultados concretos e precisos que viabilizaram a realização da pesquisa de maneira mais clara, ética e organizada.

A primeira fase incluiu a análise de livros, artigos acadêmicos, teses e dissertações que abordem a vida e obra de Graciliano Ramos, do contexto histórico da Era Vargas e sobre os métodos que serão utilizados nessa pesquisa, visando uma revisão bibliográfica dos assuntos. Esta etapa foi fundamental, uma vez que permitiu um estabelecimento de um referencial teórico consolidado afim de conseguir contextualizar a obra dentro do período histórico abordado na pesquisa, além da correlação da obra estudada com temas como a Literatura de testemunho, Memórias e História Política.

Enquanto a segunda fase consistiu em uma análise textual detalhada da obra ‘Memórias do Cárcere’. Com esta análise sendo focada em identificar e interpretar as opiniões políticas e as críticas do autor em relação ao sistema capitalista e ao regime opressor varguista com o objetivo de entender as condições vivenciadas pelos encarcerados e como estes reagiam à repressão imposta pelo governo de Vargas. Foi realizada análise minuciosa do conteúdo literário para assim examinar a linguagem, as metáforas, os termos pejorativos, as descrições psicológicas das pessoas e dos locais, e os relatos da repressão sofrida.

A análise textual permitiu compreender como Graciliano utilizou sua literatura como uma “arma política” o tornando um manifesto contra o sistema. A leitura crítica da obra permitiu identificar passagens que abordem a repressão política, a vivência no cárcere e as reflexões do autor sobre o contexto sociopolítico da época. Além disso, ao destrincharmos a obra teve-se como objetivo entender de que forma Graciliano Ramos construiu a sua narrativa e como a literatura serve para expressar as posições políticas dos autores adicionando à literatura uma função de entender a história.

Já durante a terceira fase deste projeto buscou-se estruturar uma intervenção artística com a finalidade de divulgar os resultados obtidos nas fases anteriores para um público-alvo (alunos e professores da educação básica), com o objetivo de funcionar como um produto da pesquisa e como ponte entre o passado autoritário e os desafios contemporâneos da democracia, a exposição utiliza-se de trechos da obra, materiais históricos, recursos digitais e experiências sensoriais para provocar nos visitantes, especialmente estudantes, reflexões sobre repressão, liberdade, resistência e os limites da cidadania brasileira ao longo da história, os quais foram elaborados nesta fase final do projeto.

Com a conclusão destas fases de maneira clara e bem estruturada tornou-se possível construir uma base bem estruturada de argumentos e de uma base teórica forte e coerente com os objetivos iniciais da pesquisa, e assim garantir maior precisão e qualidade na apresentação, uma vez que este conhecimento tem como alvo futuras gerações de estudantes, com o objetivo de promover o ensino e a conscientização dos alunos.

3.3- Cronograma

MES/ETAPAS	Mar-Abr/2025	Mai/2025	Junho/2025	Julho/2025	Agosto/2025	Setembro/2025	Outubro/2025
Escolha do tema	X						
Levantamento bibliográfico	X	X	X				
Coleta de dados		X	X				
Análise dos dados		X	X				
Elaboração do produto			X	X			
Redação do trabalho				X	X		
Revisão e redação final					X	X	
Apresentação do projeto						X	X

4-RESULTADOS

PARCIAIS

E

ESPERADOS.

O presente projeto nasce de uma inquietação que atravessa o cotidiano escolar: como promover, entre os estudantes da educação básica, uma reflexão crítica sobre os limites da cidadania e os mecanismos de repressão política que marcaram a história do Brasil durante a Era Vargas (1930–1945)? A proposta pretende estimular uma experiência sensível e formativa, que leve o aluno a compreender que a liberdade e a democracia são construções históricas frágeis, frequentemente ameaçadas por forças autoritárias e pela naturalização da desigualdade.

Inspirada na leitura da obra *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, a iniciativa busca transformar o espaço escolar em um lugar de escuta, memória e reflexão, no qual a literatura ultrapassa o campo da estética e assume um papel político-pedagógico. Através da articulação entre História, Literatura e Educação, pretende-se oferecer aos estudantes uma oportunidade de vivenciar a narrativa do autor não apenas como um relato literário, mas como um testemunho histórico que denuncia a repressão anterior ao Estado Novo e expõe as contradições do projeto político de Vargas.

A exposição sensorial está estruturada em dois ambientes simbólicos: “A Biblioteca” e “O Cárcere”. A primeira sala (biblioteca) propõe uma ampliação no conhecimento e em estudos da obra, destacando trechos de *Memórias do Cárcere*, reflexões sobre a escrita de resistência e a importância da palavra como instrumento de denúncia e preservação da memória. Já a segunda sala, concebida como uma cela simbólica, convida o público a uma imersão no universo da repressão, representando de forma sensorial o aprisionamento vivenciado por Graciliano Ramos e tantos outros presos políticos.

Devido ao cronograma escolar e ao calendário da feira, a realização da exposição está prevista para uma data posterior ao período de inscrição na FEBRACE. Por essa razão, os resultados empíricos ainda não foram coletados. Entretanto, todo o planejamento metodológico e conceitual encontra-se consolidado: a curadoria dos textos, a elaboração dos roteiros expositivos, a definição dos instrumentos de avaliação e o plano de mediação dos visitantes foram construídos de modo a garantir uma experiência pedagógica completa e significativa.

Para avaliar os efeitos dessa vivência, será aplicado um formulário inicial que indicará o que os estudantes entendem do período repressivo do Governo Vargas e sua forte perseguição

aos opositores. Ao final da apresentação temática, será aplicado um novo formulário com perguntas que buscam captar o que foi compreendido e o que foi sentido. A análise dos dados será feita com atenção às nuances: as respostas objetivas serão organizadas estatisticamente, mas o foco estará nas respostas abertas, onde os alunos podem expressar suas impressões com liberdade. As respostas de ambos os formulários serão analisadas e comparadas a fim de legitimar a contribuição da exposição temática na formação do senso crítico dos alunos.

Esse processo será orientado pelos princípios da BNCC, principalmente pela Competência Geral 2, que propõe o desenvolvimento a capacidade de investigar, refletir e analisar criticamente e criar soluções para problemas reais, e a Competência Geral 10, que aborda sobre formar sujeitos capazes de agir com autonomia, responsabilidade e ética, comprometidos com a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. O projeto também será conduzido por uma ética do cuidado com a escuta. Afinal, mais do que medir resultados, o que se busca aqui é compreender como a escola pode ser um espaço de formação cidadã real, concreta, que não se limita ao discurso. Ao se alinhar aos ODS 4 e 16, a proposta reafirma esse compromisso: formar sujeitos capazes de pensar historicamente, agir com responsabilidade e reconhecer no outro a dignidade que sustenta qualquer projeto democrático. Inspirada na leitura da obra *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, a iniciativa busca transformar o espaço escolar em um lugar de escuta, memória e reflexão, no qual a literatura ultrapassa o campo da estética e assume um papel político-pedagógico. Através da articulação entre História, Literatura e Educação, pretende-se oferecer aos estudantes uma oportunidade de vivenciar a narrativa do autor não apenas como um relato literário, mas como um testemunho histórico que denuncia a repressão anterior ao Estado Novo e expõe as contradições do projeto político de Vargas.

A exposição sensorial está estruturada em dois ambientes simbólicos: “A Biblioteca” e “O Cárcere”. A primeira sala (biblioteca) propõe uma ampliação no conhecimento e em estudos da obra, destacando trechos de *Memórias do Cárcere*, reflexões sobre a escrita de resistência e a importância da palavra como instrumento de denúncia e preservação da memória. Já a segunda sala, concebida como uma cela simbólica, convidando o público a uma imersão no universo da repressão, representando de forma sensorial o aprisionamento vivenciado por Graciliano Ramos e tantos outros presos políticos.

Devido ao cronograma escolar e ao calendário da feira, a realização da exposição está

prevista para uma data posterior ao período de escrita deste relatório. Por essa razão, os resultados ainda não foram coletados. Entretanto, todo o planejamento metodológico e conceitual encontra-se consolidado: a seleção dos textos, a elaboração dos roteiros expositivos, a definição dos instrumentos de avaliação e o plano de mediação dos visitantes foram construídos de modo a garantir uma experiência pedagógica completa e significativa.

5-CONSIDERAÇÕES

FINAIS

O seguinte projeto surge de fases anteriores nas quais buscou-se explorar diferentes lacunas de pesquisa acerca da obra *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. Ao longo de seu desenvolvimento, o trabalho passou por sucessivas reformulações, tanto metodológicas quanto conceituais, com o intuito de se adequar às exigências e formatos propostos por diversas feiras científicas no último ano. Essas transformações, contudo, não representaram rupturas, mas um complemento da proposta, que evoluiu de uma análise literária para uma reflexão mais ampla sobre as relações entre memória, política e cidadania. O percurso permitiu compreender que a força de *Memórias do Cárcere* não reside apenas em seu valor bibliográfico, mas, também em seu potencial de denúncia e em sua capacidade de instigar a consciência crítica sobre o autoritarismo e os mecanismos de repressão política na história brasileira.

Diante da análise dos resultados parciais coletados, foi percebida a necessidade de dividir o projeto em duas fases distintas. A primeira delas, iniciada em 25/03/2024 e concluída em 15/10/2024, consistiu no levantamento e na investigação da bibliografia identificada sobre o tema proposto e na leitura e análise parciais da obra *Memórias do Cárcere*. Esta fase foi fundamental por ter garantido a construção de uma base teórica coerente com os objetivos da pesquisa. Com o decorrer do tempo, o tema da pesquisa foi reformulado, sobretudo pela necessidade de construção de um produto educativo que possibilitasse a divulgação dos resultados para além do meio acadêmico, alcançando estudantes da educação básica e promovendo a conscientização histórica e cidadã.

Com a ideia de expansão e reformulação da pesquisa, no mês de abril de 2025 foi proposto um novo eixo temático, o que possibilitou um redirecionamento metodológico e conceitual. *Memórias do Cárcere* passou a ser compreendida não apenas como uma narrativa literária de cunho autobiográfico, mas como uma fonte histórica de imenso valor, que oferece uma perspectiva singular sobre a repressão política na Era Vargas: a visão dos perseguidos e silenciados. Essa mudança de enfoque permitiu ampliar a leitura da obra, aproximando-a das discussões contemporâneas sobre memória, resistência e cidadania, bem como da função social da literatura enquanto instrumento de denúncia e conscientização.

A segunda fase do projeto, em andamento, consolida essa nova abordagem ao propor a criação de uma exposição sensorial e educativa, cujo objetivo é transformar a pesquisa em uma experiência acessível e significativa para o público estudantil. Essa fase busca transpor o conhecimento produzido no âmbito da Iniciação Científica para um ambiente de formação crítica, no qual os visitantes possam refletir sobre os mecanismos históricos de repressão e sobre a importância da preservação da memória como ato de resistência. A atividade se fundamenta na pedagogia freireana, ao entender o conhecimento como prática libertadora e o diálogo como ferramenta essencial para a construção da consciência histórica e política dos sujeitos.

Ainda que os resultados empíricos dessa exposição estejam previstos para um momento posterior à escrita deste relatório (que já foi escrito por conta de datas das feiras científicas em que o projeto está inscrito), já é possível afirmar que o percurso desenvolvido até aqui consolidou importantes resultados parciais. A pesquisa permitiu uma compreensão mais ampla da atuação política de Graciliano Ramos, evidenciando sua postura crítica diante do autoritarismo varguista e sua defesa intransigente da dignidade humana.

Além disso, revelou o potencial da literatura como meio de registro da memória coletiva, dando voz àqueles que foram silenciados pelo Estado e pela história oficial. Do ponto de vista educacional, o projeto reafirma a importância da interdisciplinaridade e da articulação entre História, Literatura e Educação na formação de cidadãos críticos. A proposta de levar o conhecimento histórico-literário a espaços escolares contribui diretamente para o fortalecimento de uma educação humanizadora, capaz de formar sujeitos reflexivos, conscientes de seu papel na sociedade e atentos aos riscos da supressão das liberdades democráticas.

Por fim, espera-se que esta pesquisa, ao ser apresentada em feiras científicas e espaços de formação, desperte o interesse de outros estudantes e educadores para o estudo de temas relacionados à memória, à repressão política e à cidadania. A consolidação da exposição temática representará não apenas a culminância do projeto, mas também um legado educativo que incentiva o exercício da empatia, o reconhecimento das lutas democráticas e a valorização da literatura como patrimônio cultural e político do Brasil. Em última instância, este trabalho reafirma o compromisso da educação com a construção de uma sociedade mais crítica, justa e consciente, capaz de aprender com o passado para não repetir seus erros.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAHÃO, Ana Maria dos Santos Oliveira. **Graciliano Ramos: o artista e o intelectual das “Memórias do Cárcere”**. EntreLetras, Tocantis, Revista do Concurso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT, n.3, 2011.

BASTOS, Hermenegildo. **Memórias do Cárcere: Literatura e Testemunho**. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

BOSI, Alfredo. **A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 309–322, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 20 set. 2025.

BURKE, P. **O que é história cultural?** 3º. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2005.

CONSTITUIÇÃO DE 1937. **Constituição Libertadora**. Disponível em: <https://constituicaolibertadora.com.br/historia/constituicao-1937/>. Acesso em 26 set. 2024.

DE CASTRO, Pedro. **Literatura, arte e militância comunista: a rede de sociabilidade intelectual de Graciliano Ramos e o PCB**. Monografia da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

De Oliveira Souza, M., & dos Santos, H. F. A importância de Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos enquanto caráter denunciativo. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.7, p.75072-75077, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Ed. Presença, p.24, 1985.

GORENDER, Jacob. **Graciliano Ramos: lembranças tangenciais**. Estudos Avançados, 23, jan-abr, p. 323-331, 1995.

MAYK, Cícero. **História e literatura: A literatura como fonte histórica**. Monografia da UFA, Alagoas, 2017.

MORAES, Dênis de. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos** 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Proj. História, São Paulo, 1993, p.7-28.

PINHEIRO, Fábio; SOUZA, Luciene. **Crônicas do Estado Novo: Graciliano Ramos e a revista Cultura Política**. EntreLetras, São Paulo, v.11, n.1, 2020, p.67-92.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.

RAMOS, Angélica Fernanda Mondego. **Confissão e testemunho em memórias do cárcere**. 2024. 71 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras - Campus Bacanga) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

REMOND, René. **Por uma história Política**. 2°. Rio de Janeiro, Brasil, FGB Editora, 2003.

RIDENTI, Marcelo. **Graciliano Ramos e suas Memórias do Cárcere: Cicatrizes**. Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, v.4, p.475-493, 2014.

RODRIGUES, Joyce. **Memórias do Cárcere: Um Cárcere de Memórias**. Revista Literatura em Debate, v.7, n.12, 2013, p.161-182.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Duas vozes diferentes em Memórias do Cárcere?** Estudos Avançados, 23, p. 332-337, 1995.

SOBRINHO, Priscila. **Peregrinando entre cárceres: trajetórias de encarceramento de presos**

políticos comunistas na Era Vargas (décadas de 1930 e 1940). Claves, Revista de História, v.5, n.8, 2019, p.235-260.